

A RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

THE RELATIONSHIP OF FAMILY AND SCHOOL IN THE LITERACY PROCESS

Weslainy Sousa Torres; Daniela Soares Rodrigues; Ana Cláudia Faria de Lima; Francielle Moreira Rodrigues; Gilvan Silva Caldeiras; Pedro Vinicius Barreto Souza; Vania Gomes Cardoso; Vilma Maria Soares Rodrigues; Cláudia Ribeiro de Lima

RESUMO: As relações e interações entre família, escola e crianças possuem uma forte influência no desenvolvimento da alfabetização infantil, pois, é notável que a interação entre família e escola mostre-se muito positiva para o desenvolvimento psicoeducacional das crianças, haja vista que permite não só maior desempenho social e desempenho acadêmico em sala de aula, competência docente, mas também apoio familiar, visto que as relações familiares têm um enorme impacto na vida das crianças, principalmente no que envolve seu comportamento. O presente estudo tem a finalidade de compreender a relação da família no processo de alfabetização das crianças, assim como, essa instituição pode influenciar as atividades pedagógicas. Tendo como base principal a revisão bibliográfica do tema, com a finalidade de aprofundar o conhecimento acerca da temática, foram utilizados autores como: Oliveira; Marinho-Araújo (2010); Araújo; Veras; Teles (2018); Altmayer et. al. (2012). Na revisão bibliográfica foram abordados aspectos a respeito da família, da escola, do processo de alfabetização e a influência que a família exerce na educação e na alfabetização dessas crianças, sendo ela positiva ou não. Dessa forma, entende-se que o processo de alfabetização, leitura e escrita infantil é complexo e multifacetado, pois envolve e é influenciado por diversos fatores como questões emocionais, socioeconômicas e culturais. Sendo assim, é fundamental os pais acompanharem e apoiar as crianças durante esse processo, sendo eles, considerados um dos principais responsáveis pelo sucesso ou fracasso geral da aprendizagem e educação de uma criança.

Palavras-chave: Família. Escola. Alfabetização.

ABSTRACT: The relationships and interactions between family, school and children have a strong influence on the development of children's literacy, as it is notable that the interaction between family and school is very positive for the psychoeducational development of children, given that it allows not only greater social and academic performance in the classroom, teaching competence, but also family support, since family relationships have a huge impact on children's lives, especially when it comes to their behavior. The present study aims to understand the family's relationship in the children's literacy process, as well as how this institution can influence pedagogical activities. Having as its main basis the bibliographical review of the topic, with the purpose of deepening knowledge about the topic, authors such as: Oliveira; Marinho-Araújo (2010); Araújo; Veras; Teles (2018); Altmayer et. al. (2012) were utilized. In the bibliographic review, aspects regarding the family, school, the literacy process and the influence that the family exerts on the education and literacy of these children were addressed, whether positive or not. Therefore, it is understood that the process of children's literacy, reading and writing is complex and multifaceted, as it involves and is influenced by several factors such as emotional, socioeconomic and cultural issues. Therefore, it is essential for parents to monitor and support children during this process, as they are considered one of the main responsible for the overall success or failure of a child's learning and education.

Keywords: Family. School. Literacy.

INTRODUÇÃO

A educação infantil é a primeira etapa da educação básica e complementa as ações familiares e comunitárias para criar condições para o desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo, emocional e social das crianças.

As relações e interações entre família, escola e crianças possuem uma forte influência no desenvolvimento da alfabetização infantil. Pois, é notável que a interação entre a família e a escola é altamente benéfica para o desenvolvimento psicossocial tanto acadêmico das crianças. Uma vez que não só melhora o desempenho na sala de aula, desenvolve também uma melhor atuação no que concerne o desempenho dos professores, sobretudo, também proporciona acesso a uma base familiar de apoio.

Pois, sabe-se que a família é a primeira instituição na qual são estabelecidos os meios básicos para sua sobrevivência, é nela que a criança encontra a primeira base de socialização, proteção, sobrevivência, afeto e aprendizagem. Ainda, também é nessa instituição que se criam os primeiros padrões de comportamento, conduta, moral e ética, e é na família

que a criança centra-se na sua visão de mundo e das suas representações.

Portanto, diz-se que o envolvimento da família é essencial para as competências de alfabetização das crianças. Quando as crianças são inseridas no ambiente escolar, elas já estão dotadas de conhecimentos que são repassados pela família à ela, dessa forma, considera-se que a educação começa antes da criança ir à escola. Na família são passados os conhecimentos informais gerais e de senso comum, já na escola, a criança terá contato direto com a leitura, escrita e aprendizagem de maneira formal.

Mesmo sendo ambientes distintos, família e escola compartilham de objetivos comuns: desenvolver a aprendizagem, a socialização e construção saudável de um ser pensante.

Dessa forma, esse artigo busca compreender a relação da família no processo de alfabetização das crianças, assim como, essa instituição pode influenciar as atividades pedagógicas.

Sendo assim, em uma tentativa de responder as hipóteses do artigo, pode-se dizer que a família pode afetar e interferir nesse processo de maneira positiva ou negativa. Pois, ao levar em

consideração a escola, essa por sua vez também desempenha um importante papel na educação das crianças. Entender de que forma elas são afetadas nessa inter-relacionamento mostra-se de significativa relevância.

Tendo como objetivos específicos os seguintes pontos: Compreender a relação familiar; compreender a relação família e escola; definir e relacionar a alfabetização e aprendizagem; relatar a influência da família no processo de alfabetização.

Pelo fato desse artigo trazer as questões escola e família, sua relevância se pauta nas especificidades dessa relação, visto que muitas famílias não conseguem estabelecer uma boa conexão com a escola, assim como a escola também não, o que por sua vez, acaba afetando a criança nas suas questões pedagógicas e psicossociais.

A metodologia utilizada nesse artigo refere-se a pesquisa bibliográfica busca-se através de livros, revistas, jornais e artigos explicar a relação família e escola no processo de alfabetização.

Onde, tem como estrutura os seguintes tópicos: Educação: A Relação Família/Escola; O Processo

de Aprendizagem na Alfabetização; A Influência da Família na Alfabetização.

EDUCAÇÃO: A RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA

É de conhecimento geral que a educação perpassa todas as etapas da vida de um indivíduo, seja de maneira formal ou informal, pois a curiosidade e a capacidade de aprender são inerentes à natureza humana (Araújo; Veras; Teles, 2018).

A princípio, a educação foi originalmente desenvolvida de maneira informal no processo de interação e comunicação entre os indivíduos, e tem sido necessária desde o aparecimento do homem quanto ser social, tanto para a sobrevivência física como para o desenvolvimento de capacidades e ampliação do papel do sujeito em uma sociedade (Araújo; Veras; Teles, 2018). Por isso, a escola, tal como o Estado e a família, tem um papel fundamental na formação dos cidadãos, isto é, deve cumprir a sua tarefa educativa de forma a permitir aos alunos se desenvolverem plenamente em nível moral, intelectual, afetivo, psicomotor e social (Nogueira, 2013).

Todavia, ressalta-se que há uma diferença entre a educação escolar e a educação que ocorre no ambiente familiar, pois, de acordo com o

pensamento de Guzzo (1990, apud Oliveira; Marinho-Araújo, 2010, pág. 101) a palavra educar tem em seu conceito etimológico um sentido de “promover, assegurar o desenvolvimento de capacidades físicas, intelectuais e morais, sendo que, de forma geral, tal tarefa tem sido de responsabilidade dos pais”.

Já a escola é uma instituição que a função de proporcionar aos educandos um desenvolvimento de sujeito, proporcionando-lhes uma melhor aquisição do saber elaborado quanto ciência, explorando as bases desse saber por meio de instrumentos, técnicas e práticas educativas (Saviani, 2005, apud Oliveira; Marinho-Araújo, 2010). Além do mais, o âmbito escolar exerce o poder de orientar os pais quanto as disfuncionalidades do aluno num todo: educação; moralidade; dificuldades; potencialidades e assim, inseri-los na instituição (Oliveira; Araújo, 2010).

Por conseguinte, pode-se dizer que a educação escolar, a educação familiar e a relação da escola com a família possuem uma relação estreita. (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

Desta forma, os pais se destacam como transmissores e os filhos como receptores em meio a um conjunto de práticas socializadoras. E,

ainda nos primeiros anos de vida, a criança começa a frequentar a escola, sendo esta instituição a responsável pelo desenvolvimento de aspectos cognitivos por meio das interações sociais e conhecimento sistematizado (Nascimento *et. al.*, 2021, pág. 02).

Assim como todo sistema, família e escola sofreram diversas mudanças ao longo dos anos a nível estrutural e dinâmico (Souza, 2020). Dentre elas, destacam-se os aspectos referentes a diversidade cultural na formação de diferentes tipos de família. Hoje, existem diversos modelos de família, que perpassam por critérios de cultura, orientação sexual e composição (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

Em função disso, o modelo familiar não se limita mais à família nuclear composta por esposa, marido e filhos biológicos, pois, devido à expansão do conceito de família, o termo passou a permitir a inclusão de diferentes modelos familiares tradicionalmente conhecidos (Turner & West, 1998, apud, Oliveira; Marinho-Araújo, 2010). Entretanto, a função social da família independe de sua formação, ela deve permanecer sendo a principal responsável pela educação,

afeto, proteção, formação social, moral e psíquica (Nascimento, *et. al.*, 2021).

Em um continuum que faz menção a relação familiar e educacional, é notável o fato da família ser considerada a primeira instituição educativa, na qual é a responsável pela educação primária da criança sendo essa, a principal responsável pela forma como o sujeito se relaciona com o mundo de acordo com cada figura que desempenha seu papel na dinâmica social familiar. Apesar disso, não basta apenas ser espelho social para a criança, é papel também da instituição familiar orientar a nível físico e cognitivo (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

Em contrapartida, a escola é entendida como um espaço de formação de indivíduos, onde, por meio de uma prática pedagógica estimula e trabalha o potencial e as dificuldades de cada criança e adolescente nela inserida, objetivando formá-los para viver em sociedade. Na escola, a ênfase é colocada nos conteúdos e experiências de aprendizagem que as crianças cultivam desde o nascimento e através das suas vivências familiares (Souza, 2020).

O papel da família e da escola nesta fase é o de mediador. Na escola, as crianças podem interagir, ganhar

experiência, aprender e viver na diversidade. No início desta fase da infância, a família e a escola atuam como principais mediadoras de representação e significação do mundo social do indivíduo (Cavalleiro, 2007, apud Neta & Silva, 2014)).

Para tanto, a ideia de que a “boa” dinâmica familiar é responsável pelo “bom” desempenho dos alunos ganhou, compreensivelmente, importância (Oliveira; Araújo, 2010). Assim, quando há conflitos nas demandas de questões sociais, econômicas e até mesmo pessoais, traz consequências negativas severas para o desenvolvimento da aprendizagem e desempenho escolar das crianças, uma vez que durante esse aglomerado de conflitos, os familiares e responsáveis acabam transferindo as responsabilidades que competem a eles, para a escola. (Souza, 2020).

Por isso, embora as famílias e as escolas desempenhem papéis diferentes, elas complementam-se no que tange o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e das crianças. A família tem responsabilidade direta pela vida do indivíduo, principalmente quando se trata de crianças e adolescentes, sobretudo, enquanto a escola tem o status de uma instituição

que deve oferecer educação formal por um determinado período de tempo (Piaget, 2007).

Portanto, levando em consideração a sociedade atual, cada vez mais fica evidente a importância de fortalecer a parceria entre famílias e escolas. Os interesses comuns envolvidos no processo de cooperação entre as duas instituições reforçam qualquer conceito, uma vez que nas escolas são criados princípios éticos e morais, enquanto nas fronteiras familiares são criadas regras, limites, normas e valores (Souza, 2020).

Desse modo, as escolas compartilham a educação não somente com as famílias dos estudantes, mas também com uma infinidade de ambientes sociais, nos quais estabelecem em cada meio comunicação e informação diferentes. Mesmo assim, a família, em colaboração com a escola, é o ator mais importante responsável pelo processo educativo, uma vez que a conjuntura de vivências familiares mostram-se tão importantes quanto às da escola (Araújo; Veras; Teles, 2018).

As escolas também devem fornecer informações sobre uma ampla variedade de assuntos a respeito da criança no processo de alfabetização e aconselhar e orientar a família quando

necessário para auxiliar as escolas e as famílias a ajudar seus filhos a alcançar o sucesso acadêmico e social (Nogueira, 2013)

É importante ressaltar que as escolas precisam fortalecer e amadurecer essa relação. Programas ou projetos educacionais que ajudam os pais a compreender a importância dos seus papéis, comportamentos e responsabilidades no desenvolvimento dos alunos pode ser uma estratégia adotada pela escola para essa demanda (Nogueira, 2013)

Pois, é notável que as parcerias família-escola têm um impacto positivo na educação como um todo. Os resultados levam, entre outras coisas, a um melhor desempenho acadêmico, a uma compreensão mais profunda do mundo e a alunos reflexivos, confiantes e engajados (NOGUEIRA, 2013).

Portanto, a escola é um espaço de influencia a formação dos valores, além de proporcionar aos alunos um ambiente de troca de conhecimentos e possibilitam a formação de normas de convivência (Parolin, 2007, apud Nogueira, 2013).

O papel da escola é o de assegurar a reelaboração dos conhecimentos dos educandos, assim como a construção de novos conhecimentos e a apreensão

crítica dos conhecimentos produzidos ao longo da história da humanidade e para que isso ocorra faz-se necessário que ela trabalhe numa perspectiva de tornar o aluno um cidadão cômico de seus direitos e deveres, alguém que desde a mais tenra idade possa exercer a cidadania (Nogueira, 2013, pág. 13).

Embora estes dois sistemas possuem objetivos diferentes, eles se interpenetram porque têm a missão comum de preparar crianças e jovens para uma integração significativa, participativa e produtiva na sociedade (Reali & Tancredi, 2005, apud Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

A diferença entre escola e família reside nas práticas de ensino, uma vez que a organização familiar tem a indispensável função de promover a aprendizagem de conhecimentos, possibilidades e capacidades socialmente construídas em situações concretas. Em contrapartida, as instituições escolares tem a tarefa de promover a socialização das crianças, incluindo a aprendizagem de comportamentos, atitudes e valores socialmente aceitáveis (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

A relação entre casa, família e escola deve ser próxima e contínua, onde, deve haver troca de informações constantes para desenvolver uma

relação mútua de auxílio, segurança, dividindo responsabilidades e melhorar o delineamento de métodos educativos (Piaget, 2007).

Percebe-se que na relação família e escola, há uma predisposição a ter uma relação disfuncional, um dos motivos é a capacidade limitada da família para abordar questões relacionadas com o campo educativo. No entanto, o mesmo não parece se aplicar às escolas no que diz respeito à entrada no âmbito familiar. Isto porque as escolas acreditam ter autoridade para identificar, intervir e abordar questões e conflitos familiares, assim como podem definir os parâmetros para tomar determinadas decisões. Apesar de na maioria das vezes isso acontecer de fato, os pais podem apresentar certa resistência em manter um vínculo com a escola (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

Por isso, é indiscutível a necessidade de aproximar cada vez mais as famílias e as escolas, contudo, nota-se que muitas vezes as famílias não demonstram algum nível de interesse em desempenhar um papel educativo na vida dos seus filhos. Por esse motivo, diariamente, as escolas enfrentam grandes desafios na tentativa de construir e manter relações com as famílias inclusive, por vezes,

sentem-se vulneráveis em contextos sociais, já que a maior parte dos conflitos surgem porque muitos pais acreditam que é função do professor e da instituição criar, ensinar, e educar os filhos. (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010)

No entanto, em outra perspectiva, existem famílias que gostam de acompanhar a criança na escola, estão sempre dispostas a ajudar e de se envolverem na educação escolar, mas, o problema se manifesta na escola propriamente dita, pois, nem sempre incentivam a interação ou não estão dispostas a ouvi-los e orientá-los na sua procura de uma participação mais eficaz. (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010)

Diante desses contextos, pode-se responsabilizar a falta de diálogo entre os pais e professores, que por inúmeros motivos acabam colocando empecilhos tanto no que diz respeito à participação efetiva dos pais, quanto a disponibilidade da escola e dos agentes educativos em promover a escuta. (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

No relato de muitos professores há a afirmação de que, apesar de abrirem as portas da escola à participação dos pais, esses são desinteressados em relação à educação dos filhos, na medida em que atribuem à escola toda a responsabilidade pela

educação. (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010, pág. 103).

Embora, quando há o estabelecimento de uma relação saudável e as famílias reconhecem o importante papel da escolaridade na vida dos seus filhos e ainda contribuem ativamente para a escola, não são vistas pelos professores como parceiros com objetivos comuns (Oliveira; Marinho-Araújo, 2010).

Para garantir o desempenho ideal das crianças no processo de ensino e aprendizagem, é necessário e deve ser garantido um bom relacionamento entre família e escola. Estes ambientes de apoio são importantes para as crianças porque combinam os seus esforços educativos e encontram estímulo, segurança e atenção dos membros destas duas instituições educativas onde passam a maior parte do seu tempo (Araújo; Veras; Teles, 2018).

O PROCESSO DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

No processo de alfabetização, letramento e escrita, as interações sociais proporcionam experiências únicas que promovem a formação de padrões comportamentais para toda a vida da criança, visto isso, nota-se que

a cultura familiar e social é transferida para a escola, e as relações sociais das crianças moldam a relação funcional entre a linguagem escrita e falada (Altmayer *et. al*, 2012).

Portanto, a alfabetização é uma nova experiência de aprendizagem para crianças. Isso é, deve-se considerar todos os aspectos que as cercam: ambiente familiar, relações sociais, dificuldades e limites. De acordo com Emilia Ferreiro, as crianças que vivem em lares onde todos sabem ler e escrever adquirem informações e aprendem participando nas atividades sociais, dessa forma, a escrita tem uma função real e precisa (Basílio; Nicolau, 2017).

Sendo assim, uma pessoa alfabetizada é aquela que sabe ler e escrever. Em contraponto, a pessoa letrada é aquela que utiliza a escrita e a leitura de forma social e responde adequadamente às necessidades da sociedade. Ser letrado é diferente ser alfabetizado, apesar da aproximação, esses termos se divergem. Ao apropriar-se da leitura e da escrita, não necessariamente significa que a criança sabe ler e escrever, pois há procedimentos determinados para apropriar-se também da escrita, que, quando desenvolvida é uma via para a

assimilação das suas particularidades (Soares, 2010, Neta & Silva, 2014).

Com isso, a alfabetização cria condições para que os alunos acessem o mundo dos textos, conferindo-lhes não apenas a capacidade de ler e escrever, mas também a capacidade de codificar e decifrar os princípios dos textos. Utilizar a palavra escrita com todas as suas capacidades na prática e com segurança na sociedade e como ferramenta na luta pelos direitos civis (Altmayer *et. al*, 2012).

Pelo fato da escola receber crianças de diferentes experiências culturais e diferentes níveis de desenvolvimento, quando as crianças chegam à escola, já possuem um conhecimento abrangente sobre o mundo e sobre si mesmas. Apesar disso, a instituição escolar e os profissionais inseridos nela unem-se em um único objetivo: alfabetizá-los, ajudar e ensina-los a ler e escrever (Altmayer *et. al*, 2012).

Frequentemente, parte das crianças que frequentam a escola não conseguem satisfazer plenamente as expectativas da escola ou dos pais por alguma razão. Normalmente, as famílias ou responsáveis por essas crianças são encaminhados a um especialista para ajudar a diagnosticar o “problema da criança” e resolver

outros problemas existentes (Altmayer *et. al*, 2012).

A aprendizagem é um processo altamente complexo, no qual desde o nascimento há indícios de seu início. Isso se refere ao procedimento pelo qual as pessoas se integram e se adaptam ao seu ambiente. Portanto a aprendizagem é baseada em estruturas mentais elementares, além do mais, o ambiente no qual a criança está inserida, tem um enorme impacto na aprendizagem e é um elemento essencial para esse processo (Altmayer *et. al*, 2012).

Quando pequenas, apesar de ser uma ideia de senso comum, as crianças não vão para a escola sem saber nada. A escola não é o único lugar onde ela pode aprender a ler e escrever, uma vez que estão rodeados por um mundo educado onde tais competências fazem parte da vida diária (Basílio; Nicolau, 2017).

A criança não entra na escola nos anos iniciais sem saber de nada. Não é apenas na escola que ela poderá aprender escrever ou ler. Estão cercadas por um mundo letrado, onde tais competências fazem parte do cotidiano. Infelizmente, muitas famílias não compreendem que, juntamente com a escola, podem fazer parte da

construção deste processo fundamental para a vida da criança.

Com a democratização do acesso à escola, crianças de todas as camadas sociais passaram a frequentar as classes escolares, trazendo consigo uma história particular e uma gama individual e subjetiva de experiências em todas as áreas. Diante a isso, o papel da escola passa então a ser apoiar a criança em questão a partir do que ela traz para a escola, com o objetivo de qualificar, ampliar e promover o uso social da linguagem (Maggi, 2011).

Para Bossa (2000, p. 54, apud Altmayer *et. al*, 2012, pág. 05) conhecer a realidade da criança e seus contextos é tão importante quanto, pois "às vezes, para entender uma matéria, a criança necessita aprender coisas que ainda não lhe ensinaram, e só depois de aprender essas coisas é que consegue entender o que a professora diz".

Dessa forma, a alfabetização deve basear-se num conjunto de desejos de aprender e de ensinar, e de ensinar o que é relevante para os alunos de acordo com a cultura em que estão inseridos. e ensinar aos alunos o que é relevante de acordo com a cultura em que estão inseridos (Altmayer *et. al*, 2012).

Emilia Ferreiro foi a pioneira nessa forma de compreender o processo de aquisição da linguagem escrita de uma disciplina e, como resultado de seu trabalho, muitos outros estudos contribuíram para o avanço dos estudos de alfabetização. Entre estes, para efeitos de estudo, inclui-se Magda Soares (Maggi, 2011).

A autora supracitada foi uma psicóloga e educadora argentina que “desvendou” a natureza psicogênica da palavra escrita e revolucionou a nossa compreensão do processo de leitura e escrita. Isso deu nome ao seu livro mais importante, “Psicogênese da Língua Escrita” em 1985. Essa obra descreve as funções cognitivas e possíveis caminhos pelos quais os alunos alfabetizados perpassam para compreender e dominar os sistemas de escrita. Ferreiro via a escrita não apenas como uma aprendizagem motora/mecânica, mas como um objeto de conhecimento da criança, a aprendizagem de um sistema de expressão da linguagem falada. (Maggi, 2011).

Apesar de Emilia Ferreiro ter sido a precursora deste movimento, Magda Soares, escritora brasileira, apoiou-se nas ideias de Ferreiro ao afirmar também que a alfabetização é uma estrutura cognitiva. Porém, nesse

questo, Magda, ampliou a obra de Ferreiro ao incorporar o conceito de alfabetização como uma contribuição à pesquisa sobre alfabetização (Maggi, 2011).

Magda Soares é uma autora brasileira que se apoiou nas ideias de Ferreiro ao afirmar também que a alfabetização é uma construção cognitiva, porém foi capaz de imprimir novas Visões, de ampliar a pesquisa de Ferreiro incorporando o conceito de letramento enquanto uma contribuição às pesquisas em alfabetização. Para essa autora, o processo de alfabetização começa a partir do momento em que a criança nasce em uma sociedade alfabetizada, mesmo que a criança ainda não seja alfabetizada para ler e escrever corretamente o fato delas viverem em uma sociedade e cultura onde a escrita é usada rotineiramente permite-lhes dominar gradualmente o sistema de escrita. Portanto, ingressam na escola e na educação infantil já com um campo de conhecimentos que caberá a escola orientar e organizar (Maggi, 2011).

Em seus construtos teóricos, Emilia Ferreiro, identificou e definiu algumas etapas pelas quais os alfabetizados passam desde o desenvolvimento inicial até

compreenderem o funcionamento do sistema de escrita, sendo: etapa pré-silábica, etapa silábica, etapa silábico-alfabética e etapa alfabética (Maggi, 2011).

1. **Pré-silábico:** Essa etapa se subdivide em dois momentos, o da escrita indiferenciada e o da escrita diferenciada.

- Na escrita indiferenciada, a criança não entende a relação entre sons e letras, e tudo o que está escrito representa o nome de uma figura. Números, letras, e formas não são diferenciados. Nessa escrita não existem padrões quanto à quantidade ou distinção de letras utilizadas, e a mesma palavra pode ser escrita de forma diferente (Maggi, 2011).
- Na escrita diferenciada já é possível utilizar símbolos gráficos tradicionais, atentando-se para o número mínimo de caracteres por palavra e sua diferenciação. As crianças nesta fase usam rotineiramente as letras dos seus nomes, mas o número e o tamanho das letras variam dependendo do significado expresso (Maggi, 2011).

2. **Silábica:** Essa etapa é de fundamental importância para as crianças, uma vez que é durante esse período que as crianças desenvolvem-se no tocante a

alfabetização, assim como demonstra ser uma etapa de muitos conflitos e incertezas. A partir disso, durante a fase silábica percebe-se a existência de algum grau de consciência do sistema, mesmo que mínimo. As crianças entendem que a escrita representa a linguagem e que as palavras são formadas por “partes” (sílabas), e cada parte corresponde a uma letra. Também é comum as crianças misturarem letras tradicionais e inventadas, com ou sem valores fonéticos. Na ausência de valores fonéticos, as crianças podem utilizar qualquer letra para representar cada sílaba ou qualquer símbolo gráfico. Dado um valor sonoro, a criança escreve a letra que corresponde ao som (vogal ou consoante) da sílaba falada, por isso, palavras diferentes podem ter a mesma grafia se a criança escolher vogais para representar sílabas. Dessa forma, é comum as crianças apresentarem dificuldades para compreender esse fato, e como estratégia para resolver esse problema, ela pode inserir outra letra no meio ou no final da palavra. (Maggi, 2011).

3. **Silábico-alfabética:**

Nessa etapa, a criança que está se alfabetizando, vivencia outro grande conflito: uma transição dos conceitos das fases anteriores, e a não compreensão da escrita fonética. Apesar disso, nesse momento, a criança já sabe que para escrever é preciso usar um número maior de letras para cada sílaba, isso a leva a começar entender a relação entre o todo e as partes, sobretudo, também consegue utilizar um critério para identificar o número de sílabas e agregar valores sonoros às sílabas das letras de cada palavra (Maggi, 2011).

4. **Alfabética:** Nessa última etapa, apesar de ainda a criança não possuir domínio das normas ortográficas, já é possível compreender o que escreve. Além disso, também é comum a criança usar as letras com seu valor fonético convencional e também ela pode ainda não conseguir dividir o texto em partes, como em frases e palavras. Na etapa silábica, é comum ver que elas sentem mais segurança ao escrever, porque sabem que ao ler um texto ou uma frase desenvolvida por ela, a pessoa

conseguirá compreender (Maggi, 2011).

Dessa forma, a alfabetização deixa de ser apenas uma aprendizagem mecânica e de transcrever códigos, onde, requer apenas a aquisição de determinadas habilidades visuais e motoras, esse processo dependerá da reflexão e compreensão do sujeito sobre o processo de escrita. Nesta perspectiva, a alfabetização não é mais uma aprendizagem puramente escolar, mas um objeto de conhecimento sociocultural (Maggi, 2011).

Além do mais, nota-se que Emília Ferreiro não só observa, identifica e explica as etapas pelas quais passam os sujeitos na apropriação dos sistemas de escrita, mas também discute a importância de tratar a escrita nas escolas não apenas como itens escolares, mas como objetos e usos sociais (Maggi, 2011).

Para Ferreiro (2002), um método de alfabetização que se reduza a procedimentos mecânicos de memorização de letras e sílabas, somente, não corresponde ao que ela realmente acredita ser a formação de um sujeito alfabetizado, ou seja, uma pessoa capaz de decodificar a língua, mas também de usá-la com propriedade,

com eficácia, socialmente (Maggi, 2011, pág. 33).

Assim, a alfabetização constitui-se como uma parte do processo, se caracterizando como a capacidade de uma pessoa se engajar na prática social de ler e escrever. Na educação infantil, é o processo de aquisição da linguagem, assim como habilidades de escrita e leitura, portanto, pode-se dizer que alfabetização e letramento andam lado a lado (Maggi, 2011).

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NA ALFABETIZAÇÃO

Assim como exposto, entende-se que o processo de alfabetização, leitura e escrita infantil é complexo e multifacetado, pois envolve e é influenciado por diversos fatores como questões emocionais, socioeconômicas e culturais. Dentre os diversos fatores que podem contribuir para esse processo, destaca-se a atuação e influência da família (Soares, 2021).

Os pais devem proporcionar oportunidades para um maior desenvolvimento no processo de compreensão do mundo e das suas possibilidades, permitindo que as crianças explorem o espaço e ao mesmo tempo as protejam de perigos. Neste sentido, as famílias devem

construir uma parceria com as escolas baseada na solidariedade e na partilha de tarefas educativas, e tornar as atividades educativas participativas, de forma a alcançar bons resultados no processo de ensino e aprendizagem para uma boa formação humana (Araújo; Veras; Teles, 2018).

É fundamental acompanhar e apoiar as famílias durante esse processo, tanto que é considerada uma das principais responsabilidades pelo sucesso ou fracasso geral da aprendizagem e educação de uma criança (Ramos; Cruz; Ferreria, 2021). Nesse ponto de vista, o processo de ensino da leitura e da escrita nas primeiras fases educativas apresenta-se como um momento de transição da criança para um novo mundo (Almeida, 2018).

Diante esse contexto, diz-se que a família tem um papel de grande valia no tocante ao processo de ensino e aprendizagem, principalmente na alfabetização, já que, é no ambiente familiar que a criança encontrará os elementos responsáveis e necessários para se desenvolver pedagogicamente (Neta & Silva, 2014).

Para que esse desenvolvimento ocorra sem problemas, é essencial que as crianças recebam estímulos dos pais em casa, como os recursos

tecnológicos, porém, com moderação, para que a criança não perca o foco nas devidas atividades (Borges, 2023).

As crianças, em vários momentos durante a aquisição da alfabetização enfrentam desafios nas tarefas escolares. Por essa razão precisam de alguém que os apoie neste momento difícil e restaure a confiança em suas capacidades (Picanço, 2012). É de fundamental importância que as crianças percebam o seu valor e seu significado real enquanto aprendiz, caso não aconteça irão se sentir desmotivadas (Basílio; Nicolau, 2017)

Por isso, para aumentar o interesse das crianças pelas práticas alfabéticas, é importante que os pais valorizarem os pequenos feitos de seus filhos como as atividades que vai da escola para casa, também influencia diretamente o desenvolvimento e aquisição desse processo. Independentemente do desempenho dos filhos, os pais devem motivar e apoiar-los, pois a motivação e o apoio podem promover o bom desenvolvimento e formação dos alunos. A vida e os relacionamentos familiares são importantes para os processos de alfabetização das crianças, especialmente a escrita lacto, à medida que as crianças constroem suposições sobre a escrita e seus usos

a partir de suas vidas sociais (Neta & Silva, 2014).

Para Goulart (2022, pág. 08), “a criança precisa, nesse processo, ser um sujeito ativo, o professor deve ser o mediador e a família precisa influenciar positivamente”. Além do mais, também há a necessidade dos pais oportunizar o desenvolvimento da criança sem excessos de proteção, pressão e comparação, para que assim, a criança possa desenvolver um autoconceito positivo. sociais (Neta & Silva, 2014).

Sabe-se que enquanto aprende, as crianças encontram oportunidades para se expressar e nomear sentimentos, sensações e vivências. Nas atividades, pode aparecer indícios de sua convivência familiar: ausência do pai ou da mãe, que muitas vezes se deve ao fato de estarem separados e apenas um dos cônjuges ter que cuidar sozinho da casa; irmãos; negligência; agressões e diversas outras situações. Isso também pode trazer muitas consequências para a vida dessa criança, bem como o seu desenvolvimento (Almeida, 2018).

É no ambiente familiar que as crianças conhecem e recebem a formação dos seus primeiros professores, que permanecem com elas ao longo da vida e contribuem para

o seu desenvolvimento social, familiar e pessoal: os pais (Neta & Silva, 2014).

Haja vista que um dos indicadores mais fortes para o desenvolvimento da linguagem e do letramento são as conversas ricas em explicações, contações de história, participação de atividades de leitura conjunta, e entendendo que na família a criança passa a maior parte de seu tempo, a família se torna um importante instrumento de potencialização da linguagem oral e escrita (GOURLART, 2022, pág. 11).

Pelo fato dos pais não possuírem estudos, a família acaba sendo interpretada como má influência para o ensino e aprendizagem da criança, já que é imposto pela sociedade o ensino formal dos pais e familiares. Entretanto, é possível que os pais nas suas subjetividades também sejam educadores das práticas educacionais dos filhos mesmo não tendo acesso formal a educação (Neta & Silva, 2014).

Contudo, quando há o acompanhamento por parte da família, não basta apenas a preocupação e estarem presentes durante o tempo de aprendizagem, mas também a família deve ter a perspicácia para perceber quando a criança não está tendo um bom desempenho, e ainda, nesses casos, procurar soluções que vão de

encontro às dificuldades ou problemas no processo de alfabetização e aprendizagem (Nogueira, 2013).

É fundamental que as famílias frequentem a escola e acompanhem seus filhos, diante da necessidade que os pais conheçam a escola de seus filhos, desde o segurança até o diretor, e mantenham sempre um diálogo aberto e honesto. O contato entre si também não deve ser feito apenas em casos de violação da disciplina, mas sobretudo para estabelecer diretrizes para um diálogo. Portanto, sua participação ativa dentro da escola é fundamental para que possam acompanhar como anda a educação da criança e como é a convivência de todos (Nogueira, 2013).

Em contraponto, quando as crianças não recebem apoio da família, tendem a ter menos condições de ter um desempenho escolar satisfatório, o que as prejudica. Como a aprendizagem ocorre por etapas, ela não só produz bons resultados nas avaliações, mas também tem o potencial de influenciar não só o desenvolvimento cognitivo e intelectual, mas também outras áreas, principalmente as emocionais e sociais (Nascimento *et. al.*, 2021).

Desse modo, oferecer a essas crianças um suporte familiar, e

acompanhar de perto seu desenvolvimento neste processo é fundamental, sendo inclusive, a instituição familiar considerada uns dos principais fatores responsáveis pelo sucesso ou insucesso da aprendizagem de uma criança e de todo o trabalho educacional (Ramos; Cruz; Ferreira, 2021).

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização do projeto de pesquisa foi a Bibliográfica, na qual está refere-se a:

Segundo Gil (2002, p. 61) o método bibliográfico consiste em:

Esse levantamento bibliográfico preliminar pode ser entendido como um estudo exploratório, posto que tem a finalidade de proporcionar a familiaridade do aluno com a área de estudo no qual está interessado, bem como sua delimitação. Essa familiaridade é essencial para que o problema seja formulado de maneira clara e precisa.

Com isso foi utilizado livros, revistas, artigos, monografias e dissertações para a elaboração do corpo teórico do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância das relações família/escola neste estudo

resplandece a formação da criança, haja vista que ambos são boas referências de apoio no que tange o desenvolvimento social e educacional. Assim, quanto melhor for a parceria da escola e família para o desenvolvimento da criança, mais positivo e significativo será o desempenho acadêmico do aluno.

A relação entre a escola e a família deve ser conectada, interativa e compreensiva, e devem, em conjunto, encontrar uma forma de unir a escola, a família e toda a comunidade para que as crianças se tornem pessoas honestas e sinceras. Cidadãos generosos e capazes. Valores morais e éticos.

O primeiro espaço onde são incentivadas as práticas educativas e de alfabetização é o lar, que é a primeira oportunidade para as crianças aprenderem e transmitirem cultura. As escolas rapidamente surgiram como um amplo espaço através do qual as pessoas podiam adquirir conhecimentos científicos, culturais e morais, além de estudar a sociedade.

A educação se dá através da experiência de viver em diferentes situações cotidianas. Portanto, a educação não formal decorrente das relações familiares tem um impacto significativo no desenvolvimento das

crianças, bem como a escola também contribui para a formação de seres pensantes e desenvolvidos.

Escolas e famílias são instituições sociais que realizam processos educativos em diversas funções e são de grande importância para o desenvolvimento dos indivíduos. Apesar de atuarem em constâncias diferentes na vida da criança, ambas se associam no quesito desenvolvimento.

Portanto, a família deve acompanhar o processo de alfabetização da criança, a fim de estimulá-la e garantir que tudo corra conforme desejado e que seja feita uma abordagem ativa no processo para que a cooperação da própria família com a escola esteja em harmonia. Pois, ambos trabalham juntos para garantir o sucesso do processo de leitura e escrita.

Por ora, desse modo, evidencia que o bom relacionamento entre escolas e famílias é essencial para obter e garantir resultados que beneficiem o trabalho educativo, os métodos de ensino e a implementação de procedimentos.

REFERÊNCIAS

Almeida, Dayane dos Anjos. A participação da família no processo de alfabetização dos/as filhos/as. 2018. 1-

25 p. TCC (Bacharel em Humanidades) - UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFROBRASILEIRA (UNILAB), Redenção-Cem, 2018. Disponível em: repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/3112. Acesso em: 4 set. 2023.

Altmayer, C.; Dias, C. B.; Baum, F. L.; Duarte, S. do N.; Moraes, S. A. F. de; Müller, M. B. C. AMBIENTE ESCOLAR, FAMILIAR, E SOCIAL: SUAS INFLUÊNCIAS NA ALFABETIZAÇÃO. Revista Conhecimento Online, [S. l.], v. 1, 2012. DOI: 10.25112/rco.v1i0.265. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistaconhecimentoonline/article/view/265>. Acesso em: 21 set. 2023.

Araújo, Leidiane De Carvalho *et al.* A parceria da família e escola no processo de alfabetização: um olhar reflexivo sobre essa relação. Anais V CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/46055>. Acesso em: 14/09/2023 19:37

Basílio, Letícia de Oliveira; Nicolau, Thiago Ferigati Squipati. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade. A CONTRIBUIÇÃO DA FAMÍLIA PARA O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA, Bebedouro, SP, v. 4, ed. (1), p. 148-165, 2017. Disponível em: <https://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/50/26042017193127.pdf>. Acesso em: 21 set. 2023.

Gil, Antônio Carlos, 1946- Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

Goulart, Gabriela Dal-Bó Emerick. FAMÍLIA E ESCOLA, UMA PARCERIA NO CICLO ALFABETIZADOR. Orientador: Mariléia Mendes Goulart. 2022. 1-22 p. TCC (Graduação em Licenciatura em Educação Pedagogia) - UNISUL, [S. l.], 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/26995/1/ARTIGO%20TCC%20GABRIELA%20-%202022%20-%2007.09%20-%20formatado%20%281%29.pdf>. Acesso em: 4 set. 2023.

Maggi, Danila Orbea. A influência da família no processo de alfabetização: um estudo de caso numa instituição filantrópica na cidade de São Paulo. Orientador: Profa. Dra. Nilce da Silva. 2011. 1-116 p. Tese (Mestre em Educação) - USP, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-04082011-144024/publico/DANILA_ORBEA_MAGGI.pdf. Acesso em: 4 set. 2023.

Nascimento, F. E. de M. ; Paiva, M. R. F.; Frola, R. C.; Sousa, M. H. A. A relação família e escola no processo educativo : uma revisão integrativa. Oikos: Família e Sociedade em Debate, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 1–24, 2021. DOI: 10.31423/oikos.v32i2.11824. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/oikos/article/view/11824>. Acesso em: 21 set. 2023.

Neta, Emília Santana Vieira; SILVA, Débora Regina Machado. Revista InterAção: Revista Científica da Faculdade das Américas. IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA NA ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA, [s. l.], ano x, n. 2, ed. 14, p. 53-67, 2014. Disponível em: https://vemprafam.com.br/wp-content/uploads/2019/09/OS_0012_16

_fam_revista_interAtiva_n-12.pdf. Acesso em: 4 set. 2023.

Nogueira, Patrícia Érika de Souza. FAMÍLIA E ESCOLA: Relação com o processo Ensino Aprendizagem. Orientador: Luíza Lúlia Feitosa Simões. 2013. 1-38 p. TCC (Licenciatura em Pedagogia) - Faculdade Cearense - FAC, Ceará, 2013.

Oliveira, C. B. E. de. & Marinho-Araújo, C. M.. (2010). A relação família-escola: intersecções e desafios. Estudos De Psicologia (campinas), 27(1), 99–108. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2010000100012>.

Piaget, Jean. Para onde vai a educação. Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007. FAMÍLIA, ESCOLA E PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UMA RELAÇÃO FUNDAMENTAL NOS ANOS INICIAIS. PIKANÇO, Ana Luísa Bibe. A relação entre família e escola, 2012. Disponível em: Acesso em: 27 ago. 2023.

Ramos, Celiomar Porfirio; Cruz, Marina de Souza; Ferreira, Vanessa Aparecida. REVISTA FACISA. A PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO, [s. l.], v. 10, ed. 2, p. 111-132, 2021. DOI 2238-8524. Disponível em: <https://periodicos.unicathedral.edu.br/?journal=revistafacisa&page=article&op=view&path%5B%5D=650>. Acesso em: 4 set. 2023.

Soares, M. Alfaetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Editora Contexto, 2021.

Souza, Adriana Izaías De Azevedo. A relação entre a família e a escola no processo de ensino e aprendizagem. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 01, Vol. 01,

pp. 134-144. Janeiro de 2020. ISSN:
2448-0959, Link de
acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/processo-de-ensino>